

TOXICOMANIA E O USO SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS SEGUNDO A PSICANÁLISE NA CONTEMPORANEIDADE

ADDICTION AND PSYCHOACTIVE USE SUBSTANCES ACCORDING TO PSYCHOANALYSIS IN CONTEMPORARY

CAMILA VOLPINI OLIVER DE **ANDRADE**^{1*}, FRANCIELLE GONZALES CORREIA **GOMES**²

1. Acadêmica do curso de graduação em Psicologia da Faculdade Ingá-Uningá; 2. Mestrado em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, Professor da Faculdade Ingá, Brasil.

*Rua Elpídio Francisco costa, 82, Conjunto Requião, Maringá, Paraná, Brasil. CEP: 87047-428. camila.volpini@bol.com.br

Recebido em 01/09/2015. Aceito para publicação em 08/12/2015

RESUMO

O presente trabalho tem como tema a toxicomania e o uso de substâncias psicoativas, segundo a Psicanálise na contemporaneidade. Desta forma, a pesquisa busca apontar o que foi produzido em obras literárias de cunho psicanalítico sobre a toxicomania. Através do levantamento de trabalhos literários, em livros e artigos científicos, produzidos sobre o tema nos últimos anos. Discorre sobre características da toxicomania, buscando a resposta sobre o que a psicanálise Freud-laciana produziu enquanto literatura sobre a toxicomania na contemporaneidade. A toxicomania em nossa sociedade contemporânea geralmente é considerada como a relação exclusiva que o sujeito tem com a droga e as reações químicas existentes nesta relação, de modo que o tratamento na maioria das vezes é direcionado a remoção do tóxico do corpo, o que muitas vezes é uma intervenção malsucedida. A psicanálise traz a luz um paradigma diferente do biologismo, um olhar sobre a relação do sujeito com o tóxico, este que remonta as primeiras relações do indivíduo com o Outro materno. Na literatura psicanalítica atual, a toxicomania é considerada a busca desesperada do indivíduo pelo seu resgate enquanto sujeito, assim como uma medida paliativa que visa atenuar a angústia e o sofrimento.

PALAVRAS-CHAVE: Toxicomania, uso de drogas, psicanálise.

ABSTRACT

This work has as its theme to addiction and substance abuse, according to psychoanalysis in contemporary times. Thus, the research seeks to point out what was produced in literary works of psychoanalytic slant on drug addiction. Through the survey of literary works, in books and scientific papers produced on the subject in recent years. Talks about drug addiction characteristics, searching for answers about what psychoanalysis Freud-Lacan produced as literature on drug addiction in contemporary times. Drug abuse in our contemporary society

is generally regarded as the exclusive relationship that the subject has with the drug and existing chemical reactions in this relationship, so that the treatment most often is directed removal of toxic of body, which often It is unsuccessful intervention. Psychoanalysis brings forth a different paradigm of biologism, a look at the subject's relationship with the toxic, this goes back to the first relationship of the individual with the Other maternal. In the current psychoanalytic literature, drug addiction is considered the desperate individual's search for his rescue as a subject, as a stopgap measure designed to reduce the distress and suffering.

KEYWORDS: Addiction, drug use, psychoanalysis.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo apontar o que foi produzido enquanto literatura psicanalítica sobre a toxicomania e o uso de substâncias psicoativas na contemporaneidade. Elencando trabalhos literários produzidos sobre o tema nos últimos anos, bem como enumerar algumas reações e características do uso de substâncias psicoativas, discorrer sobre as características da toxicomania, através do método de pesquisa bibliográfica e buscar a resposta sobre o que a psicanálise Freud-laciana produziu enquanto literatura sobre a toxicomania na contemporaneidade.

O site da UNODC (United Nations Office on Drugs and Crime) (2014), escritório da ONU sobre drogas e crimes, traz o relatório de 2014 em que aponta que, 5 % da população mundial ou 243 Mi. usaram drogas ilícitas em 2012, e o uso de drogas de modo problemático somam uma parcela mundial de 27 Mi. de pessoas, ou seja, 1 em cada 200 possuem problemas sérios com drogas.

Uma pesquisa realizada pela Confederação Nacional dos Municípios (CNM) (2010) no caderno: Pesquisa sobre a situação do crack nos Municípios brasileiros de

2010 aponta que das 3.950 cidades pesquisadas 98 % destas apresentam problemas com o alto índices de usuários de crack e apenas 8, 34 % possuem políticas públicas destinadas ao enfrentamento do mesmo.

Segundo o jornal G1 do site Globo.com (online) (2013) em relação ao uso do crack nas capitais, apontam que 370 mil pessoas fazem uso da droga regularmente há pelo menos 6 meses, estes dados são referentes a 2013.

Frente a tais dados o estudo sobre a substância psicoativa e a toxicomania se faz pertinente, já que muitos brasileiros são acometidos pelo uso da droga. Portanto, espera-se que a pesquisa possa vir nos esclarecer quanto à toxicomania, a estudantes e profissionais que desejam possuir mais informações sobre o tema a partir de um olhar psicanalítico.

Segundo Le Poulichet (1996), a toxicomania é considerada como uma tentativa de cura subjetiva, ou seja, a tentativa de resgate da posição de sujeito, e o abandono da posição de objeto, que outrora foi colocado pela mãe.

Portanto, a partir da perspectiva psicanalítica, pretende-se que a pesquisa possa vir a auxiliar no tratamento da toxicomania, na medida em que busca compreender o toxicômano e a sua relação pulsional com a droga, relação esta descrita por Le Poulichet (1996) como a sensação de morte subjetiva que o sujeito sente em relação a ocupar o lugar do objeto ideal para a mãe, pois, “a autocronia toxicomaníaca se organiza diante do perigo e na vertigem de tornar-se incessantemente o bem do Outro, e de desaparecer [...]” (UNODC, 2014). Deste modo, possibilita um olhar diferente sobre aquele que geralmente é visto no tratamento do usuário de entorpecentes com características de autodestruição levando seu vínculo com a droga apenas no campo da dependência química.

O trabalho é composto pelos seguintes tópicos: O primeiro, aborda etimologia do termo toxicomania, o segundo refere-se ao levantamento toxicomania na psicanálise e o uso de substâncias psicoativas, em seguida é realizado o debate quanto a toxicomania segundo a psicanálise Freud-Lacanianana, em que é abordado a literatura clássica do tema e o levantamento de artigos científicos pertinentes.

A curiosidade me impulsionou a pesquisar e ler mais sobre o assunto da toxicomania, guiando-me pelos dizeres teorizadas pela psicanalista Angela Valore, através das leituras realizadas, busquei pelas palavras chave toxicomania, uso de drogas, psicanálise, em meio eletrônico, tais como os bancos de dados Scielo e Google acadêmico datados a partir do ano 2000, realizei a leitura de alguns textos de que falam sobre a toxicomania, como Freud, Lacan e Le Poulichet.

A coleta de dados foi feita a partir das produções literárias elencadas de fontes eletrônicas, algumas revistas de psicologia de universidades conceituadas do país, que

abordam o tema de modo aprofundado e segundo a visão da psicanálise. Tais publicações são datadas a partir do ano 2000, com mais detalhes das fontes nas referências bibliográficas do trabalho. Para a realização da pesquisa foram utilizadas as palavras chave: Toxicomania, Uso de drogas, Psicanálise, o que possibilitou a coleta das informações do tema desejado.

Desse modo, há de forma despreziosa, o desejo que o presente trabalho possa vir a ser utilizado a estudos posteriores, relacionado ao tema, proporcionando o debate quanto o aspecto da drogadição na atualidade, que muitas vezes é pautado no aspecto social e coletivo e deixa de lado a subjetividade do indivíduo, assim abrindo margens para demais temas a serem estudados dentro da ótica da psicanálise.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa, é considerada como bibliográfica pois conforme nos sugere Lakatos & Marconi (2003) “A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc”.

Isto é, há a utilização de materiais disponíveis publicamente em livros, revistas indexadas, e materiais eletrônicos, que se referem ao assunto abordado, ou seja, a toxicomania e o uso de substâncias psicoativas segundo a perspectiva teórica psicanalítica na contemporaneidade.

Busca-se com a pesquisa a resolução do seguinte questionamento: Que foi produzido enquanto literatura psicanalítica sobre a toxicomania e o uso de substâncias psicoativas?

Para a realização da pesquisa e a resposta a tal questionamento foram utilizados textos clássicos sobre o tema e artigos científicos produzidos a partir de 2000, os livros utilizados foram: Freud, Le Poulichet, Lacan, Melman, Lipovetsky, entre outros

Quando se filtra a pesquisa utilizando os termos Toxicomania, Psicanálise e Uso de Drogas o Google acadêmico disponibilizou 1.520 resultados, dentre estes foram selecionados 12 artigos para a confecção do trabalho. Desta forma, há um grande aparato de matérias que falam e debatem sobre a toxicomania e a psicanálise.

3. DISCUSSÃO

Etimologia do termo “toxicomania”

O vocábulo *toxicomania*, é composto pelo prefixo Tóxico, termo antigo que é definido por Didreot e D’Alembert (1765/1967, apud BENTO 2006)⁷ da seguinte forma, “toxicum” que vem do latim, que diz respeito a um, “Veneno que os Citas e alguns povos bárbaros esfregavam na ponta de suas flechas”. Historiadores afirmam que a ferida causada pelo To-

xicum dos Citas era mortal e irreversível. Obviamente o tóxico no qual se aborda aqui possui formas e funções diferentes na vida de um sujeito, assim podemos equiparar o que é tóxico como veneno.

Segundo Santiago (2001, apud, GIANESI, 2005) a terminologia toxicomania foi apropriada pela psiquiatria no início do século XIX, relacionado à atos maníacos, estudos na época chegaram a conclusão de que os atos maníacos tinham relação com a dependência de substâncias psicoativas, a autora pontua:

O termo toxicomania advém do discurso proferido pela psiquiatria, que em meados do século XIX passa a considerá-lo isoladamente como categoria clínica específica, relacionada à inclinação impulsiva e aos atos maníacos. O conhecimento médico emergente na época propôs-se a decifrar o fenômeno, e o que surgiu como resultante de tal processo foi o início da elaboração de critérios diagnósticos, que passaram a descrever a relação de dependência que determinado indivíduo estabelece com uma ou mais substâncias psicoativas. Os diferentes tipos de drogas também mereceram uma minuciosa descrição de seus efeitos químicos, cujo poder de causar dependência muitas vezes apareceu explicitado.

Assim, entender que a junção de tóxico, como aquilo que invade o organismo e o destrói, e a mania termo cunhado por Pinel no século XVIII, para designar comportamentos diferentes do comum, culmina na totalidade terminológica *toxicomania*, isto é, o tóxico que leva a atos e comportamentos destoantes.

A toxicomania na psicanálise e o uso de substâncias psicoativas

Em um primeiro momento é fundamental a diferenciação entre o que é do campo da toxicomania e o que é pertinente ao uso de substâncias psicoativas, o título do tópico já sugere que a toxicomania não está necessariamente relacionada ao uso de substâncias que agem no sistema nervoso central levando a mudanças de comportamento, ela envolve aspectos subjetivos que aludem as relações primordiais do sujeito.

Freud (1930) em o “Mal-estar na civilização” faz menção à toxicomania considerando-a como um recurso, uma medida paliativa que atenua o sofrimento, e prolongue a sensação de felicidade, e afaste a todo custo a dor. Seria para ele um meio grosseiro, mas eficaz de enfrentar as preocupações da vida cotidiana, pois relega-se a satisfação e busca do convívio em sociedade salientando que,

Tal como nos foi imposta, a vida resulta demasiado pesada, nos fazendo deparar-nos com sofrimentos, decepções, empreendimentos impossíveis. Para poder suportá-la, não podemos prescindir de paliativos. Existem três tipos: os entretenimentos intensos, que fazem a nossa miséria parecer menor; as satisfações substitutivas, que a reduzem; e os narcóticos, que nos tornam insensíveis a ela. Qualquer um desses remédios acaba sendo indispensável.

Então, intoxicar-se é uma defesa em relação ao mal-estar ocasionada pela não satisfação das pulsões, uma forma de alívio do sofrimento. E acrescenta quanto ao uso de substâncias tóxicas: “quando presentes no sangue ou tecidos, provocam em nós, diretamente, sensações prazerosas, alterando tanto também as condições que dirigem nossa sensibilidade, que nos tornamos incapazes de receber impulsos desagradáveis” Freud (1930).

Lipovetsky (2004) concorda e explana que os tempos atuais são considerados como tempos dos tóxicos, tempos que nossa sociedade busca a satisfação imediata das necessidades, a busca do prazer é algo incontrolável, há o imperativo e o clamor social de que o sujeito apenas goze. Este autor, concorda ainda, que a base de tal gozo, devido a nosso meio de produção, é voltada ao consumismo, seja ele de objetos de consumo, drogas ou modelo de vida.

A distinção evidente relaciona as funções que são desempenhadas pelas drogas nas mais diversas formas de consumo de substâncias psicoativas, tem íntima relação com questões que envolvem o laço social. Isso ocorre, porque, em nosso contexto social, de modo de produção capitalismo regida pelo consumo, alguns autores reconhecem que as drogas, considerando tanto lícitas como ilícitas, podem vir a nutrir uma nova forma de laço social (Pereira, 2011).

Segundo tal associativa, Melman (1992) considera a toxicomania com um sintoma social, já que em nossa sociedade na atualidade cada vez mais nos imposto a satisfação a todo custo, e os sujeitos em uma tentativa desesperada de alívio de sofrimento buscam o consumo de objetos imaginários que atenuam este sofrimento, o uso de substâncias psicoativa assegurariam ao toxicômano, portanto, o princípio do prazer em que a droga só permite a menor tensão possível.

Brecha *et al.* (2013) concordam e pontuam que,

Em resposta às angústias, regidos pelo hedonismo, atravessados pelo imediatismo e orientados por um modo de construção subjetiva pautado no consumo, os indivíduos buscam o prazer a qualquer custo: não apenas porque ele torna-se um bem que pode ser adquirido, como porque ele aplaca a angústia. Se este objeto além de tudo ainda possuir o potencial de transtornar e afetar o funcionamento do sistema nervoso central, como algumas drogas o fazem, o potencial de compulsão e devastação emocional apresenta-se quase como epidêmico.

O que apenas traz para nossa contemporaneidade a questão da toxicomania, embora já se tenha passado quase um século sobre o que Freud propôs sobre a toxicomania, em nossa atualidade ainda é recorrente, já que a dor da existência, e o gozo a todo custo, precisa, para o toxicômano ser atenuada de alguma forma.

É importante destacar que há nítida diferença entre a toxicomania e dependência química de substâncias psicoativas, a segunda sendo apenas um recorte, a nível biológico do uso da droga, enquanto que a toxicomania, tem íntima relação com os aspectos psíquicos do sujeito, em que, é o objeto (droga) escolhido pelo sujeito para o gozo do qual não há deslizamento metonímico¹, ou seja, não há troca de objeto, a droga é o único objeto para satisfação não permitindo assim, substitutos (RIBEIRO, 2003).

A psicanálise concorda que nem toda forma de consumo de drogas deve ser considerado na condição mórbida para a qual se criou uma gama de denominações, tais como drogadição, dependência, vício ou toxicomania (PACHECO, 2005). Desta forma, considera que “é preciso diferenciar os simples usos de estupefacientes de um imperativo de tratamento do organismo por um tóxico, quando este se torna o único meio de

¹ Deslizamento metonímico, segundo Lacan (1969), é considerado como a capacidade do sujeito em realizar a troca de objetos para sua satisfação. O que não ocorre na toxicomania, ou seja, não há a troca de objeto para a satisfação subjetiva.

conservar, a cada dia, um corpo ao abrigo de uma dor intolerável” (KAUFMANN, 1996).

Neste sentido, o autor estabelece uma diferenciação entre o que é da ordem da toxicomania e o que é a via da dependência química, expondo que na atualidade as mais diversas modalidades de uso de drogas representa algo complexo, que vai desde aquele que faz uso esporádico de bebidas alcoólicas, até os que fazem uso desenfreado de substâncias pesadas, tais como, heroína, Crack e cocaína, apontando que estas formas de uso de substâncias, muitas vezes retratam nossas relações intersubjetivas.

Em contexto de atendimento ao usuário de droga, há uma classificação que diferencia os usuários de acordo com a frequência do uso. Estes são classificados entre “recreativos” ou “moderados” e os “dependentes”.

Ribeiro (2003) assina-la que, há quem acredite que usar drogas de modo recreativo, não é, por si só, patológico, mas no momento em que traz prejuízos à saúde e ao equilíbrio psíquico e comportamental é considerada perigosa, mas não é uma doença. No caso da dependência, esta sim, seria patológica, pois aprisiona o usuário a uma relação que o deixa sem condições de desejar outra coisa senão a própria droga, interferindo assim na vida social e psíquica do indivíduo.

Desta forma, a toxicomania é caracterizada pela relação de uso intensivo e único com a droga, neste sentido Serretti (2012) assinala que,

A toxicomania é uma relação intensa e exclusiva, na qual, do ponto de vista econômico, o uso de drogas já se tenha estabelecido também como uma função psíquica, [...] o importante na toxicomania é a posição que o sujeito se coloca diante da substância, a relação exclusiva que acaba por levar a uma fixação pulsional [...].

Portanto, há dificuldades neste consenso entre a relação do uso moderado a dependência, bem como nas estratégias de tratamento do dependente químico devido a propostas de tratamento diferentes e divergentes entre si, que geralmente focam sua atenção na química e não na relação que o sujeito estabelece com a droga, desconsiderando assim, as relações subjetivas iniciais.

Lacan (1976), considera a toxicomania como um meio encontrado pelo sujeito para romper com o gozo fálico, pois não ser sujeito é ser objeto, e gera angústia. Logo o uso da droga seria uma forma de romper com esta posição de ser apenas objeto. Segundo tal pressuposto, Le Poulichet (1996) enfatiza que nos casos de toxicomania, o sujeito busca o gozo (CNM, 2010) perdido das primeiras relações, e ao mesmo tempo busca romper com o gozo fálico (G1, 2013). Destacando que,

O caráter transgressor das toxicomanias mostra notadamente em que medida é necessário para esses sujeitos afirmar um desejo próprio, sob forma de aspiração do negativo, a fim de resistir a sujeição ao “bem” de um padrão maternal. Esse Outro que, em nome do “bem” do filho, exige do seu corpo coisas enigmáticas para este, o confronto com a ameaça de ser invadido ou incestuosamente instrumentalizado.

Ribeiro (2003) considera que a intercalação entre o gozo e a falta que é vivenciada pelo toxicômano não é apenas sofrida é também uma encenação do desejo, porém este preso em uma montagem perversa² que leva a anulação de ser agente

da própria subjetividade. Ou seja, um estado de objetualização que a mãe o coloca, o reduzindo a posição de objeto, considerada angustiante, já que significaria sua morte enquanto sujeito.

Em outras palavras, Ribeiro (2011) afirma que,

[...] toxicomania, este fenômeno caracteriza-se fundamentalmente por um rompimento com o gozo fálico [...] esse rompimento se dá porque o gozo fálico gera angústia, devido ao fato de ser oriundo da castração - a operação que se caracteriza pela entrada do sujeito na Lei simbólica e que barra o acesso ao gozo pleno, só possível antes da entrada do humano no mundo da linguagem [...] neste sentido a toxicomania é entendida como uma tentativa de romper com o gozo fálico e, portanto, com a operação de castração.

Logo, uma determinada substância psicoativa, viria a ser a busca por este gozo de ocupar um lugar privilegiado e ao mesmo tempo uma tentativa de ser sujeito, pois, a droga é passível de controle, ou seja, ele é ativo no processo, ele quem determina o momento do uso e o momento da abstinência, ela fornece a ele a possibilidade do intervalo entre as demandas que não possuiu inicialmente com a relação materna. “a autocronia toxicomânica se organiza diante do perigo e na vertigem de tornar-se incessantemente o bem do Outro, e de desaparecer [...]” (LE POULICHET, 1996).

Assim, o pavor em desaparecer enquanto sujeito impele o indivíduo a buscar meios de afastar este “demônio” de ser engolido pelo Outro materno, através da operação *farmakon* descrita como, um meio de buscar resistir a invasão materna, é a tentativa de colocar um limite no gozo do Outro, na busca por manter a integridade subjetiva, “[...] uma forma de resistir a uma invasão de um fluxo de tipo materno, na tentativa de produzir uma orda que possa fechar algo do corpo e ‘tapar os orifícios’ para essa invasão” (Calligaris, 1986).

É como se o toxicômano não encontrasse um outro objeto que pudesse lhe dar aquela satisfação primeva das primeiras relações, e busca neste único objeto a satisfação pulsional, ao mesmo tempo remontando o processo de alienação e separação, tentando assim garantir que a falta não lhe falte (LE POULICHET, 1996).

A autora destaca que o uso da droga seria uma tentativa de alívio da dor narcísica e aliviar a angústia de ser absorvido pelo Outro, uma medida de amenizar uma dor subjetiva insuportável ao toxicômano, isto é, o *Farmakon* é considerado como remédio de um sofrimento tido como “insuportável”.

Em toxicomania a operação de *Farmakon*, segundo explana Conte (2003) significa que,

[...] há uma exclusão do Outro e a interrupção dos recortes pulsionais. Ela permite a constituição de um “novo corpo” como “máquina”, frente ao qual seu operador é o toxicômano que detém um saber, que não é suposto, mas real, sobre como abastecê-lo para que esta operação cumpra a função de interpor algo entre ele e o Outro.

Quando há o consumo de droga o indivíduo padece entre duas posições, o remédio e o veneno sendo um a continuidade do outro, a posição entre o que é benéfico subjetivamente e o que é maléfico organicamente, mas que o impele a buscar mais, provavelmente, pois a dor da incompletude e a angústia de ser absorvido pelo Outro prevaleça.

Remédio e veneno são as duas faces que constituem o princípio do *farmakon*. Princípio este encontrado em qualquer uso de drogas. Apesar de o princípio do *farmakon* es-

² Por montagem podemos entender a reunião de partes de modo que possam funcionar e cumprir um fim utilitário. Considerando que a perversão é efeito do laço do sujeito com o Outro, onde o primeiro torna-se instrumento para o segundo². No caso citado, o toxicômano, em suas relações primordiais é colocado como

objeto, na maior parte das vezes, na relação materna.

tar presente no uso de drogas, a operação *farmakon* é própria das toxicomanias. É nas toxicomanias que o tóxico constitui um sintoma que permite ao sujeito escapar de uma dor para ele insuportável: a dor da diferença Torossian (2006).

Portanto, tóxico é aquilo que impregna, que não solta, nos casos em que o filho é tomado com objeto, e apenas isso, pela sua mãe, um intervalo insuficiente entre uma demanda e outra, é tóxica, o sujeito em uma tentativa desesperada de não morrer enquanto sujeito, busca a droga, esta sim, ele tem o controle, e pode garantir que se marque a falta, a delimite, algo que em suas primeiras relações não ficou bem demarcado, assim como é tóxico sua relação única e exclusiva com a droga, “[...] atos toxicomaníacos como derradeiros procedimentos de autoconservação, ou como tentativas de cura”⁴. Entretanto, cura pelo mal.

Nesta circunstância, Berlinck (2012) assinala que a toxicomania pode ser entendida, a partir de uma dependência de um veneno, o tóxico, em uma tentativa de envenenar-se constantemente. Porém, é importante salientar que tanto para Freud quanto para Le Poulighet (1996), a segunda a partir de uma leitura Lacaniana, o mal perpetrado pelo toxicômano a si mesmo, é uma tentativa algumas vezes bem sucedida de alívio de um sofrimento, se para Freud (1930) o sujeito busca a droga como uma medida paliativa que visa atenuar o sofrimento imposto pela vida em sociedade, para Le Poulighet (1996), o indivíduo busca desesperadamente seu resgate enquanto sujeito, o que para ambos é um meio de escapar da angústia e do sofrimento.

A esse respeito, Conte (2003) faz um recorte e estabelece um relato de *Farmakon* e *Toxikon*, em que o *Toxikon* assume-se como *Farmakon* na busca em atenuar a dor do toxicômano, neste ponto as teorias Freudianas e a teoria de linha Lacaniana convergem, isto é, se para Freud a droga é uma medida paliativa grosseira, o uso do tóxico como remédio é também um meio, digamos, paliativo, tanto para alívio da dor de existir, quanto para o sofrimento esmagador de desaparecer enquanto sujeito. Desta forma, mais do que um contraponto nas teorias relacionadas a toxicomania dentro da abordagem psicanalítica, há uma complementação entre ambas, uma corrobora a outra no que tange o uso de substâncias psicoativas em que o objetivo primordial da toxicomania é atenuar o sofrimento psíquico.

4. CONCLUSÃO

Na atualidade há um número assustador de pessoas que fazem uso de substâncias psicoativas, entretanto, é importante frisar que nem todos que usam de tais artifícios para a fuga da realidade, descrita por Freud, pode ser considerado toxicômano. Com o levantamento da pesquisa foi possível notar tal diferenciação, alguns autores, principalmente segundo os pressupostos Lacanianos defendem a toxicomania como um meio de defesa, uma passagem ao ato na tentativa de romper com o gozo fálico, nota-se, que provavelmente, que os toxicômanos, segundo esta vertente psicanalítica, buscam uma fuga de ser objeto de suas mães, embora seja reconfortante ocupar aquele lugar idealizado isso acarretaria como a destruição do sujeito a nível imaginário.

Freud, pai da psicanálise, pouco falou sobre as toxicomanias, fez menção apenas em seu famoso texto “Mal-estar nas Civilizações”, em que considera o uso de drogas como um recurso de alívio da dor de existir, ou seja, as exigências sociais são tão esmagadoras ao sujeito que somente através do uso de um meio paliativo, um “anestésico” o indivíduo seria capaz de aliviar seus impulsos e desejos.

Os pressupostos Lacanianos, descritos por Le Poulighet, Ribeiro e Conte nos levam a crer que a toxicomania é correlata a tentar escapar de uma invasão materna assustadora, sendo assim uma tentativa e busca pela vida e não autodestruição, não é raro nos depararmos com o discurso de que o usuário de drogas se autodestrói, mas com a pesquisa é possível notar o oposto, o toxicômano busca resguardar sua vida, já que a intrusão materna o reduziria a objeto de sua satisfação, e levaria a morte subjetiva.

Confrontando assim com aquilo que sabidamente encontramos na atualidade não diverge em nada daquilo que Lacan e Freud citaram sobre a toxicomania, grosso modo, se pensarmos em uma sociedade exigente, que muitas vezes nos limita pulsionalmente, e que nos impele a um consumo, conforme defende Melman e Lipovetsky, uma sociedade que muitas vezes viver pode vir a se tornar um fardo, e que substancialmente a única saída escolhida pelo toxicômano é subvertida, uma saída que pouco ou em nada colabora a sua saúde e leva muitas vezes a morte, o que me leva ao questionamento: porque, para algumas pessoas, o uso de drogas até a morte é a saída? Seria a dor de existir, e o medo de ser destruído como sujeito, somado com o desconforto em enfrentamento das leis sociais tão insuportável para alguns, que se findar é a única alternativa? Acredito que estabelecer uma resposta única seja impossível, já que o ser humano é complexo e sua realidade psíquica é única.

REFERÊNCIAS

- [01] UNODC- United Nations Office on Drugs and Crime. Escritório da ONU (Organização das Nações Unidas) sobre drogas e crimes (online). Relatório Mundial sobre Drogas, 2014. Disponível em: <<http://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/drogas/relatorio-mundial-sobre-drogas.html>>. Acesso em: 27 Abr. 2015.
- [02] Confederação Nacional dos Municípios (CNM) Caderno: Pesquisa sobre a situação do crack nos Municípios brasileiros. Brasília, 2010. Disponível em: <http://portal.cnm.org.br/sites/5700/5770/14122010_Mapeamento_do_Crack_nos_municipios_brasil_geral.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2014.
- [03] Jornal G1-globo.com(online). Manchete: Brasil tem 370 mil usuários regulares de crack nas capitais, aponta Fiocruz por Luna D'Alama, Rafaela Céo e Isabella Formiga matéria apresentada dia 19 setembro de 2013.
- [04] Le Poulighet S. O tempo na psicanálise. Traduzido por Lucy Magalhães, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

- [05] Roudinesco E, Plon M. Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- [06] Lakatos EM, Marconi MA. Fundamentos de metodologia científica. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1993.
- [07] Bento VES, Tóxico e adicção comparados a paixão e toxicomania: etimologia e psicanálise. Revista: Psicologia USP. Vol. 17, n. 1, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642006001000011&script=sci_arttext> Acesso em: 16 mar. 2014.
- [08] Gianesi APL, A toxicomania e o sujeito na psicanálise. Revista: Psyquê. Vol.09, n. 05, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-11382005000100010&script=sci_arttext> . Acesso em: 16 mar. 2014.
- [09] Freud S.[1930] O mal-estar na civilização. In Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1º ed. vol. 21, p. 67-148. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- [10] Lipovetsky G. Os tempos hipermodernos. 2. ed. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- [11] Pereira S. O uso e o abuso de drogas na adolescência”, in CIRINO, O. & MEDEIROS, R. (Orgs.) Álcool e outras drogas: impasses, escolhas e saídas possíveis. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- [12] Melman C. Alcoolismo, delinquência, toxicomania: uma outra forma de gozar. São Paulo: Escuta, 1992.
- [13] Brecha MGS, Lopez NP, Postigo VMC. Voracidade e sofrimento psíquico na adicção: considerações sobre compulsão, hedonismo e imediatismo no contemporâneo. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/v_congresso/p_69_-_marilia_gabriela_da_silva_brecha,_nilcea_p_lopes_e_vanuza_m_c_postigo.pdf>. Acesso em: 08 de Jun. 2015.
- [14] Ribeiro EM. A toxicomania e os paradoxos da liberdade. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA), n. 24, Porto alegre, 2003. Disponível em: <<http://www.apoa.com.br/download/revista24.pdf?Appoa=15d31762f6e37a0c7b15f27e34d31981>>. Acesso em: 10 Mar. 2015.
- [15] Lacan J. O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1969.
- [16] Pacheco RAF. Drogas: Um mal-estar na cultura contemporânea. Psicanálise e Universidade: Revista do Núcleo de Pesquisas Psicanalíticas e do Núcleo de Pesquisa Psicanálise e Sociedade da PUC/SP, n.9-10. São Paulo: Educ, 2005. Disponível em<<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=365393&indexSearch=ID>> Acesso em: 16 Ago. 2015.
- [17] Kaufmann P. Dicionário enciclopédico de Psicanálise. Rio de Janeiro:Jorge Zahar, 1996.
- [18] Serretti MAT. Toxicomania: um estudo psicanalítico. Revista: Mosaico: estudos em psicologia, vol. 5, nº 1, p. 46-60, 2012. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/mosaico/index.php/mosaico/article/view/106>>. Acesso em: 15 Ago. 2014.
- [19] Ribeiro CT. Usuário ou Toxicômano? Um estudo psicanalítico sobre duas formas possíveis de relação com as drogas na contemporaneidade. Revista: Estudos e pesquisa em psicologia, vol. 11, n. 2, p. 633-647, ISSN 1808-4281, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v11n2/artigos/pdf/v11n2a17.pdf>> Acesso em: 17 mar. 2014.
- [20] LEITE, M. P. S. A teoria dos Gozos em Lacan. Antropos Moderno, 2005. Disponível em: <http://antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id_articulo=750>. Acesso em: 13 Ago. 2015.
- [21] Dor J. Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- [22] Calligaris C. Perversão: Um laço social? Salvador: Cooperativa Cultural Jacques Lacan, 1986.
- [23] Conte M. Necessidade – demanda – Desejo: os tempos lógicos na direção do tratamento nas toxicomanias. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (AP-POA), n. 24, Porto alegre, 2003. Disponível em: <<http://www.apoa.com.br/download/revista24.pdf?Appoa=15d31762f6e37a0c7b15f27e34d31981>>. Acesso em: 10 Mar. 2015.
- [24] Torossian SD. Escrita e histórias de toxicomanias. Revista: UNISC (Universidade de Santa cruz do sul) ISSN-1982-2014, Santa Cruz do sul, 2006. Disponível em:<<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/442/295>> acesso em: 28 Mai. 2014.
- [25] Berlinck MT. Atendimento Psicológico das toxicomanias. São Paulo: Zagodoni, 2012.